

«Nos ama»



Sendo a oração o diálogo amoroso com Aquele que nos ama, é normalíssimo que Teresa afirme que o amor é a característica essencial da oração e chegue mesmo a dizer que «é o amor que ora» (V 34,8). Melhor ainda, é o sentimento amoroso da presença de Deus em nós, que origina a nossa oração. A relação orante nasce, assim, sempre do orante divino, ou seja, da iniciativa amorosa de Deus, acolhida pelo orante humano, que ora da própria oração de Deus, isto é, ama com o próprio amor de Deus. O amor com que Cristo nos ama é a «fonte» da nossa oração, a saber, do nosso amor a Deus e aos irmãos.

A passagem da simples fé à experiência de fé verifica-se no caminho da oração teresiana. Podemos dizer que ela, na sua oração, parte da «consciência de fé» da presença de Deus para chegar à «experiência de fé» de Deus presente na sua alma. É desta experiência da presença de Deus na sua alma que deriva o seu magistério da oração, centrado na presença de Deus. Este estar presente ao presente de Deus, em ordem a viver o presente de Deus e a «viver no presente» e não no passado, nem no futuro, torna-se dinamicamente obediência ao mandamento de «permanecer no seu amor», através do «tratar de amizade» na oração. Então, o orar é amar, quer dizer, é «um entreter-se amigavelmente com o Senhor», que nos ama com «amor de amigo».

Já vimos como a categoria da «amizade» exprime a essência da oração teresiana. Vemos agora como a passividade do amor divino gera em nós a reciprocidade de amor, que é a amizade, em que o receber (o ser amado) se converte num dar, num amar Deus com o amor de Deus. Deus «ama-nos exactamente como somos», não porque sejamos bons, mas porque é amor, e «Jesus só espera, como diz Teresa de Lisieux, a melodia do nosso amor».

Apesar das proximidades, mantêm-se as distâncias, devido à diferença de condição entre os orantes, que são, neste caso, os amantes e os amigos. Teresa no-lo diz femininamente bem, no seu dizer do comportamento fiel de Deus à sua aliança, que contrasta com a incapacidade de fidelidade humana.

Na verdade, se o homem não é, por si, capaz de amar a Deus, também não é capaz para o diálogo de amor com Deus que é a oração. Apenas «deixando-se amar por Deus», é que Deus o capacita para amar e, conseqüentemente, para orar.

Esta diferença entre os amigos, torna esta amizade totalmente especial e particular. É uma «amizade teologal», isto é, uma amizade com Deus. Esta amizade chega mesmo a ser de carácter «esponsal». Ela faz dos dois orantes um orante.

Esta amizade sponsal faz dos dois amantes «um amado, um amor, um amante», para usar a terminologia de S. João da Cruz. E Edith Stein diz: «Que poderia ser a oração da Igreja, senão a entrega dos grandes amantes a Deus, que é o próprio Amor? A entrega de amor incondicional a Deus e a resposta divina – a união total e eterna – são a maior exaltação que pode alcançar um coração humano, o estágio mais alto da vida de oração. As almas que o alcançaram constituem verdadeiramente o coração da Igreja, em cada uma delas vive o amor sacerdotal de Jesus. Escondidas com Cristo em Deus não podem senão transmitir a outros corações o amor divino com o qual foram cumuladas, e dessa maneira cooperam no aperfeiçoamento de todos e no caminho para a união com Deus que foi e continua a ser o grande desejo de Jesus» (E. Stein, A oração da Igreja, p. 82).